



Affinity Konar

**FÁBRICA231**



STASHA

## CAPÍTULO UM

### Mundo Após Mundo

Fomos feitas de uma vez só. Minha irmã gêmea Pearl e eu. Ou, para ser mais precisa, Pearl se formou e eu me inspirei nela. Pearl se esculpiu no útero e eu copieei sua assinatura. Flutuamos oito meses na brancura amniótica, feito um par de luvas rosadas, no ventre da nossa mãe. Eu não era capaz de imaginar qualquer coisa mais grandiosa do que aquele útero que compartilhávamos, mas depois que se formaram os andaimes dos nossos cérebros, e nossos baços ficaram prontos, Pearl quis ver o mundo além de nós. Assim, com a determinação do nascituro, ela se projetou para fora da nossa mãe.

Apesar de prematura, Pearl era dada a galhofas sofisticadas. Tive certeza de que não passava de uma de suas brincadeiras, que ela voltaria para zombar de mim. Mas quando Pearl não voltou, eu fiquei sem ar. Alguém aí já experimentou viver sem sua melhor parte, separada por uma distância desconhecida? Se já, posso garantir que conhecem os perigos dessa situação. Depois de ficar sem

## **Resistência**

ar, foi a vez do meu coração, e meu cérebro padeceu de uma febre inimaginável. Em meu rosa fetal, tive de encarar essa verdade: sem ela eu seria apenas um pedaço, uma coisa sem valor algum, um ser humano incapaz de amar.

Por isso seguí minha irmã e deixei o médico me puxar com as mãos, dar uma palmada e me erguer diante da luz. Devo observar que não chorei durante a ruptura da transição indesejada. Nem mesmo quando nossos pais ignoraram minha vontade de também ser chamada de Pearl.

Em vez disso me deram o nome de Stasha. E, concluída a função do nascimento, entramos no mundo da família, do piano e do livro, dos espantosos dias de pura beleza. Nós éramos muito parecidas – estávamos sempre jogando bolinhas de gude pela janela nas pedras do calçamento, para acompanhar com binóculos seu rolar ladeira abaixo e ver até onde iam suas minúsculas vidas.

E aquele mundo, vibrante de deslumbramento, acabou também. Quase todos os mundos acabam.

Mas devo dizer que nós conhecíamos outro mundo. Algumas pessoas dizem que era esse mundo que nos influenciava mais. Quero explicar que estão enganadas, mas por enquanto só vou contar que a entrada nesse mundo aconteceu no nosso décimo segundo ano de vida, quando estávamos encolhidas lado a lado no fundo de um vagão de gado.

Durante aquela viagem de quatro dias e quatro noites, desobedecemos às regras de sobrevivência. Para nos alimentar, passávamos uma cebola de uma para outra e lambíamos a casca amarela. Para nos divertir, usávamos um jogo que Zayde criou para nós, chamado de Classificação das Coisas Vivas. Na forma de adivinhações, tínhamos de retratar um ser vivo e os jogadores deviam dar o

nome da espécie, o gênero, a família e assim por diante, até chegar ao brilho envolvente de um reino.

Nós quatro passamos por muitos seres vivos no vagão de gado, de urso até caracol e vice-versa – Zayde, com sua voz rouca de sede, enfatizava que era importante organizar o universo da melhor forma possível com nossa capacidade exageradamente humana – e quando o vagão finalmente parou, eu também interrompi minha descrição. Pelo que lembro, estava tentando convencer Pearl de que eu era uma ameba. É possível que eu estivesse retratando algum outro ser vivo, e que só esteja achando que era uma ameba agora porque naquele momento me senti muito pequena, transparente e frágil demais. Não tenho certeza.

Quando estava a ponto de admitir minha derrota, a porta de correr do vagão foi aberta.

E a luz foi tão ofuscante que deixamos cair nossa cebola no chão, ela rolou a rampa como uma meia-lua fedida que aterrissou aos pés de um guarda. Imaginei que a expressão dele fosse de muito nojo, porque não dava para ver – ele segurava um lenço sobre as narinas e espirrou várias vezes, só parou para levantar a bota sobre a nossa cebola e lançar uma sombra sobre aquele globo minúsculo. Vimos o pranto da cebola quando o guarda a esmagou, lágrimas de uma massa amarga. Ele então recomeçou a andar em nossa direção e corremos para nos esconder sob a proteção do volumoso casaco de Zayde. Já tínhamos crescido além do esconderijo de Zayde havia muito tempo, mas o medo nos fez menores. E nos contorcemos nas dobras do casaco em volta do seu corpo murcho, e transformamos nosso avô numa figura cheia de dobras, com muitas pernas. E naquele abrigo ficamos, atônitas. Então ouvimos um barulho – uma

## **Resistência**

pancada, algo se arrastando –, as botas do guarda estavam bem na nossa frente.

– Que tipo de inseto você é? – perguntou ele para Zayde, batendo com uma bengala nas pernas de menina que despontavam do casaco.

Nossos joelhos arderam. Então o guarda bateu nas pernas de Zayde também.

– Seis pernas? Você é uma aranha?

Ficou claro que o guarda não sabia nada dos seres vivos. Já havia cometido dois erros. Mas Zayde não se deu ao trabalho de informar que as aranhas não são insetos. Zayde costumava gostar de corrigir cantarolando e brincando, assim como gostava de ver todos os fatos corretos. Mas naquele lugar era perigoso demais expressar conhecimento mais profundo de criaturas rastejantes ou consideradas inferiores, sob risco de ser acusado de ter muita coisa em comum com elas. Nós devíamos saber que era má ideia transformar nosso avô num inseto.

– Eu fiz uma pergunta – insistiu o guarda, batendo de novo a bengala nas nossas pernas. – De que tipo?

Zayde respondeu com os fatos, em alemão. O nome dele era Tadeusz Zamorski. Tinha sessenta e cinco anos. Era judeu polonês. E parou por aí, como se tivesse dito tudo.

Tivemos vontade de continuar por ele, de dar todos os detalhes. Zayde tinha sido professor de biologia. Ensinou a matéria durante décadas nas universidades, mas era especialista em muitas coisas. Se quiséssemos conhecer as profundezas de algum poema, devíamos perguntar a ele. Se quiséssemos saber como andar plantando bananeira, ou achar uma estrela, ele mostraria como. Um dia vimos

com ele um arco-íris que era todo vermelho, sobre uma montanha e o mar, e ele muitas vezes brindou à lembrança desse arco.

*À beleza insuportável!*, exclamava ele, com os olhos marejados de lágrimas. Gostava demais de brindar, e fazia isso indiscriminadamente, em praticamente todas as ocasiões. *Ao mergulho matinal! Às tílias do portão!* E nos últimos anos, o brinde mais comum era: *Ao dia em que meu filho retornará vivo e íntegro!*

Mas, por mais que quiséssemos, não falamos nada disso para o guarda – os detalhes ficaram presos em nossas gargantas e nossos olhos cheios de lágrimas por causa da morte da cebola ali perto. As lágrimas eram culpa da cebola, dissemos para nós mesmas, só isso, e secamos os olhos para poder enxergar o que estava acontecendo através dos furos no casaco de Zayde.

Rodeadas pelas bordas desses furos, apareciam cinco figuras: três menininhos, a mãe deles e um homem de jaleco branco segurando uma caneta sobre um pequeno livro. Ficamos intrigadas com os meninos – nunca tínhamos visto trigêmeos antes. Em Lodz havia outro par de gêmeas, mas trio era coisa de livros. Mesmo impressionadas com aquele número, tivemos de admitir que éramos mais idênticas do que eles. Os três tinham o mesmo cabelo preto encaracolado e os olhos também pretos, o mesmo corpo magrícula e comprido, mas cada um tinha uma expressão diferente – um apertava os olhos, incomodado com o sol, os outros dois franziam a testa – e só ficaram iguais quando o homem de jaleco branco botou doces na palma da mão de cada um deles.

A mãe dos trigêmeos era diferente de todas as outras mães do vagão de gado – a aflição dela estava bem disfarçada, estava imóvel como um relógio parado. Uma das mãos pairava sobre as cabeças dos filhos em perpétua hesitação, como se sentisse que não tinha

## **Resistência**

mais o direito de tocar neles. O homem de jaleco branco não teve a mesma atitude.

O homem era uma figura ameaçadora, sapato preto e brilhante, cabelo preto e igualmente brilhante, mangas tão largas que quando levantava o braço o tecido enfunava e adejava embaixo, cobrindo uma parte desproporcional do céu. Era bonito como um astro de cinema e bem teatral. Expressões bondosas se espalhavam pelo rosto dele com definição óbvia, como se fizesse questão de mostrar para todos suas boas intenções.

A mãe e o homem de jaleco branco se falaram. Pareceu que trocaram palavras agradáveis, mas o homem falou mais do que ela. Queríamos ouvir o que estavam dizendo, mas bastou ver o que aconteceu depois: a mãe passou as mãos nos cabelos escuros dos trigêmeos, então deu meia-volta e deixou os meninos com o homem de jaleco branco.

Quando se afastou com passos inseguros, ela disse que ele era médico. Tranquilizou a todos dizendo que estariam a salvo e não olhou mais para trás.

Ao ouvir isso, minha mãe deu um grito agudo e estendeu a mão para puxar o braço do guarda. A ousadia dela foi chocante. Estávamos acostumadas com uma mãe trêmula, que sempre tremia ao fazer seus pedidos para o açougueiro e se escondia da faxineira. Sempre parecia fisicamente frágil, sempre fraca e derrotada, especialmente depois do desaparecimento de papai. No vagão de gado só conseguia se firmar desenhando papoulas nas paredes de madeira. Pistilo, pétala, estame – ela desenhava com uma concentração estranha e quando parava de desenhar desmoronava. Mas, na rampa, descobriu nova solidez – parecia mais forte do que qualquer um dos famintos e exaustos ali. Será que a música tinha provocado



aquela alteração? Mamãe sempre amou a música e aquele lugar era cheio de lindas notas, que nos encontravam no vagão de gado e nos traziam para fora com uma alegria suspeita. Com o tempo íamos aprender aquele truque por dentro, íamos saber que tínhamos de nos proteger da música comemorativa, já que no fundo continha apenas sofrimento, que tinham incumbido à orquestra enganar a todos que ali entravam, que aqueles músicos tinham sido obrigados a usar seu talento para iludir os desavisados, para nos convencer de que naquele lugar onde estávamos o humano e o belo também eram apreciados. A música inspirava as multidões, fluía ao lado delas a caminho dos portões. Será que era por isso que mamãe conseguia ousar tanto? Eu jamais saberia. Mas admirei sua coragem quando falou.

– Aqui é bom para... gêmeas? – perguntou ela para o guarda.

Ele fez que sim com a cabeça e chamou o médico que estava de cócoras no chão de terra para poder ficar da altura dos meninos. Parecia que o grupo estava tendo uma boa conversa.

– *Zwillinge!* – chamou o guarda. – Gêmeas!

O médico deixou os trigêmeos com uma assistente e veio para perto de nós com passos largos, as botas brilhantes levantando poeira. Ele foi educado com a nossa mãe, segurou sua mão enquanto falava com ela.

– A senhora tem filhas especiais?

Pelo que pudemos ver, o olhar dele era gentil.

Mamãe passou a trocar o pé de apoio, parecia diminuída de repente. Tentou tirar a mão da mão dele, mas o médico apertou mais e começou a alisá-la com as pontas dos dedos, como se fosse uma coisa ferida que pudesse ser curada com facilidade.

## **Resistência**

– São apenas gêmeas, não trigêmeas – ela se desculpou. – Espero que bastem.

O médico deu uma risada intensa e exagerada que ecoou nas cavernas do casaco de Zayde. Foi um alívio quando terminou, porque assim pudemos ouvir mamãe desfiando nossas qualidades.

– Elas falam um pouco de alemão. Foi o pai delas que ensinou. Vão fazer treze anos em dezembro. As duas são ótimas leitoras. Pearl adora música, ela é rápida, prática e aprende dança. Stasha, a minha Stasha... – Mamãe fez uma pausa como se não soubesse me descrever e então declarou: – Ela tem muita imaginação.

O médico recebeu essa informação com interesse e pediu que nos juntássemos a ele na rampa.

Hesitamos. Estávamos melhor sufocadas embaixo do casaco. Fora dele havia um vento cinzento lambido por uma chama que nos alertava da nossa dor e um cheiro de queimado que dava sustentação, lá onde as armas faziam sombra e os cães latiam, babavam e rosnavam como só os cães criados para crueldades eram capazes de fazer. Mas antes de termos a chance de nos escondermos mais ainda, o médico abriu o casaco como cortinas. Piscamos ofuscadas pela luz do sol. Uma de nós rosnou. Podia ter sido Pearl. Mas provavelmente fui eu.

O médico pensou, maravilhado, como aqueles maxilares perfeitos podiam ser desperdiçados com expressões tão mal-humoradas. Ele nos tirou de baixo do casaco, nos fez virar para ele, costas com costas, para poder admirar a nossa exatidão.

– Sorriam! – comandou ele.

Por que obedecemos àquela ordem específica? Pela nossa mãe, penso eu. Por ela sorrimos de orelha a orelha, enquanto ela se agarra ao braço de Zayde, rosto iluminado pelo pânico, duas gotas

de suor escorrendo na testa. Desde o momento em que entramos naquele vagão de gado, eu tinha evitado olhar para a nossa mãe. Em vez disso, olhava para as papoulas que ela desenhava, me concentrava nos brotos frágeis de suas faces. Mas alguma coisa naquela expressão falsa fez com que eu reconhecesse no que mamãe tinha se transformado: uma semiviúva, bonita mas insone, com sua individualidade apagada. Tendo sido a mulher mais bem cuidada, estava agora maltratada, com marcas de poeira no rosto, a gola de renda amarrotada. Gemas opacas de sangue pendiam dos cantos dos lábios, que tinham sido mordidos de preocupação.

– Elas são *mischling*? – perguntou ele. – Esse cabelo louro!

Mamãe puxou os próprios cachos escuros como se sentisse vergonha da beleza deles e balançou a cabeça.

– Meu marido... ele era louro.

Foi tudo que conseguiu dizer. Era a única resposta que tinha quando perguntavam sobre o colorido que fazia com que algumas pessoas insistissem que nosso sangue era misturado. À medida que fomos crescendo, ouvíamos cada vez mais aquela palavra, *mischling*, “mestiço” ou “miscigenado”, e o uso dela na nossa presença inspirou Zayde a nos dar A Classificação das Coisas Vivas. Deixem para lá essa bobagem de Nuremberg, recomendava ele. Zayde dizia que devíamos esquecer essa conversa de mistura de raças, genética cruzada, de judeus um quarto de sangue e de parentesco, desses testes absurdos e odiáveis que tentavam dividir nosso povo até a última gota de sangue, por casamento e local de veneração. Quando ouvirem essa palavra, ele dizia, recorram às variações de todos os seres vivos. E tirem sua força desse deslumbramento.

E então eu soube, parada ali diante do médico de jaleco branco, que seria difícil seguir esse conselho nos dias que tínhamos pela

frente, que estávamos em um lugar que não reagia aos jogos de Zayde.

– Os genes são engraçados, não são? – o médico estava dizendo. Mamãe nem sequer tentou envolvê-lo nessa linha de conversa.

– Se elas forem com o senhor – ela disse sem olhar para nós –, quando é que as veremos de novo?

– No seu Shabat – prometeu o médico.

Ele então virou para nós e exclamou sua reação aos nossos detalhes. Adorou saber que falávamos alemão, adorou sermos louras. Não gostou dos nossos olhos castanhos, mas isso, observou para o guarda, podia ser útil. Ele chegou mais perto para nos examinar, estendeu a mão enluvada para alisar o cabelo da minha irmã.

– Então você é a Pearl?

Ele enfiou a mão nos cachos dela com muita naturalidade, como se fizesse isso há anos.

– Ela não é a Pearl – falei e dei um passo à frente para cobrir minha irmã, mas mamãe me puxou e disse para o médico que ele tinha acertado o nome da menina.

– Ah, elas gostam de brincar? – Ele riu. – Conte-me o seu segredo, como sabe quem é quem?

– Pearl não é agitada – foi tudo que mamãe conseguiu dizer.

Ainda bem que ela não esmiuçou nossas diferenças de identificação. Pearl usava um prendedor de cabelo azul. O meu era vermelho. Pearl falava normalmente. Minha fala era apressada, interrompida às vezes, cheia de pausas. A pele de Pearl era branca como a neve. Eu tinha pele de sol, toda pintada. Pearl era toda feminina. Eu queria ser toda Pearl, mas por mais que me esforçasse, só conseguia ser eu.

O médico se abaixou para ficar cara a cara comigo.

– Por que você mentiria? – perguntou para mim.

E de novo aquela risada, com toque de familiaridade.

Se eu fosse sincera diria que Pearl era – para mim – a mais fraca de nós duas e que eu achava que podia protegê-la me fazendo passar por ela. Em vez disso, dei a ele uma meia verdade.

– Às vezes esqueço qual eu sou – foi minha resposta esfarrapada.

E essa é a hora que eu não lembro. É quando quero que minha mente volte e passe por baixo, por baixo do cheiro, das pancadas das botas e das malas, para o que tenha alguma semelhança com despedida. Porque nós devíamos ter visto nossos amores desaparecendo, devíamos ter sido capazes de vê-los nos deixando, devíamos ter sabido do momento exato da nossa perda. Se ao menos tivéssemos visto seus rostos virando para o outro lado, num lampejo de canto de olho, a curva do lado da face! Um rosto virando – eles jamais nos dariam isso. No entanto, por que não pudemos ter uma visão das costas deles para levar conosco, apenas as costas deles quando foram embora, apenas isso? Só uma parte de um ombro, a ponta de um casaco de lã? A visão da mão de Zayde, pendendo tão pesada ao lado do corpo... A trança de mamãe, balançando ao vento!

Mas no lugar em que nossos entes amados deviam estar, só fomos apresentados àquele homem de jaleco branco, Josef Mengele, o mesmo Mengele que se tornaria, em todos os muitos anos de clandestinidade, Helmut Gregor, G. Helmuth, Fritz Ulmann, Fritz Hollman, Jose Mengele, Peter Hochbicler, Ernst Sebastian Alves, Jose Aspiazi, Lars Balltroem, Friedrich Edler von Breitenbach, Fritz Fischer, Karl Geuske, Ludwig Gregor, Stanislaus Prosky, Fausto Rindon, Fausto Rondon, Gregor Schklastro, Heinz Stobert e dr. Henrique Wollman.

## **Resistência**

O homem que esconderia sua relação com a morte em todos esses nomes. Ele nos disse para chamá-lo de “Tio Médico”. Ele nos fez chamá-lo por esse nome uma vez, depois outra, até que nós o reconhecêssemos, sem erro. Quando acabamos de repetir o nome e ele ficou satisfeito, nossa família já tinha desaparecido.

E quando vimos a ausência nos lugares em que mamãe e Zayde estavam, a consciência me derrubou pelos joelhos, porque vi que aquele mundo estava inventando uma ordem diferente de seres vivos. Naquele momento eu não sabia qual ser vivo eu me tornaria, mas o guarda nem me deu chance de pensar nisso, ele agarrou meu braço e me arrastou, até Pearl garantir para ele que ia me segurar, ela passou o braço na minha cintura e seguimos atrás dos trigêmeos, para longe da rampa, num caminho de terra, uma estradinha que passava pela sauna em direção aos crematórios, e enquanto marchávamos essa nova distância com a morte se elevando dos dois lados, vimos corpos numa carroça, empilhados e chamuscados, e um deles tinha a mão estendida, procurando no que se segurar, como se houvesse alguma teia invisível no ar, que só os moribundos pudessem ver. A boca do corpo se moveu. Vimos o rosa de uma língua batendo, se esforçando. As palavras a tinham abandonado.

Eu sabia como as palavras eram importantes para a vida. Se desse algumas das minhas para aquele corpo, ficaria curado.

Será que eu era burra, para pensar uma coisa dessas? Ou mentalmente incapaz? Será que teria pensado nisso se estivesse num lugar sem vento lambido por chamas e médicos de asas brancas?

Essas perguntas são válidas. Penso muito nelas, mas nunca tentei responder nenhuma. As respostas não me pertencem.

A única coisa que eu sei é que fiquei olhando para o corpo e as únicas palavras em que pude pensar não eram minhas. Eram

de uma canção que tinha ouvido num toca-discos contrabandeado para o porão do nosso gueto. Sempre que ouvia aquela música eu melhorava. Por isso experimentei essas palavras.

– Gostaria de balançar numa estrela? – cantei para o corpo.

Nenhum som, nenhum movimento. Será que era a minha voz esganiçada? Tentei de novo.

– Levar o luar para casa em um vidro? – cantarolei.

Aquela tentativa era patética, eu sei, mas sempre acreditei na capacidade do mundo de se endireitar assim, com um simples ato de bondade. E quando não existe bondade, inventamos novas ordens e sistemas para acreditar e lá, naquele momento – fosse por burrice ou debilidade mental – eu acreditava na capacidade de um corpo se reanimar, com o sopro de uma palavra. Mas era óbvio que aquela letra de música não tinha as palavras certas. Nenhuma delas libertaria a vida do corpo, nem tinham poder suficiente para curá-lo. Busquei outra palavra, uma boa palavra para oferecer – tinha de haver uma palavra, estava certa disso – mas o guarda não me deixou terminar. Ele me puxou para longe e nos forçou a seguir, aflito para nos levar para o banho, para sermos registradas e numeradas, de forma que nosso tempo no zoológico de Mengele começasse.

Auschwitz foi construída para aprisionar judeus. Birkenau foi construído para matá-los com maior eficiência. Poucos quilômetros separavam suas perversidades conjuntas. Eu não sabia para que aquele zoológico tinha sido construído – só podia jurar que Pearl e eu jamais seríamos enjauladas.

AFFINITY KONAR foi criada na Califórnia e é Mestre em Artes e Ficção pela Columbia University. Ela já trabalhou como tutora, copidesque e editora de livros educacionais infantis. Ela vive em Los Angeles com seu cachorro, Linus. Este é o seu primeiro romance.

 [editorarocco](#)

 [facebook/editrocco](#)

 [twitter.com/editorarocco](#)